

Banqueiro defende flexibilidade

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

O Fundo Monetário Internacional precisa ter posição mais flexível em relação ao Brasil. Ao mesmo tempo, os credores deveriam permitir que parte dos encargos da dívida externa pagos pelo País fosse capitalizada e empregada no desenvolvimento interno. Esses pontos de vista foram defendidos, ontem, pelo presidente do Barclays Bank, Timothy Bevan, logo após ter almoçado em companhia do presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e do secretário-geral do Ministério da Fazenda, João Batista de Abreu. O Barclays Bank é o maior banco internacional da Inglaterra e é credor de US\$ 730 milhões do Brasil.

Bevan acha que o ajustamento interno da economia brasileira não pode ser executado em um ano, ou pouco mais, como o FMI gostaria. O presidente do Barclays defendeu a tese de que esse ajustamento precisa realizar-se num prazo mais longo, senão "tolheria a liberdade do Brasil poder negociar com seus credores um acordo efetivo mais duradouro". O banqueiro inglês, entretanto, não

disse qual seria o prazo para o Brasil ajustar sua economia e nem quis comentar a proposta do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que defende o período de quatro anos.

Com o aumento da flexibilidade do FMI, segundo Bevan, seriam criadas condições para a elaboração de um acordo mais longo com os bancos credores. Disse acreditar que esse acordo poderia abranger até 16 anos. Mas observou que, para uma negociação de tal envergadura dar resultado, será necessário que o Brasil e o FMI cheguem também a um acordo. Para o banqueiro o fundo deve agir como um "mediador e avalista" entre o País e os bancos.

O presidente do Barclays também acha que será viável para o Brasil conseguir reduzir sua inflação e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento dentro das metas estabelecidas pelo governo — de 5 a 6% nos próximos anos. Mas ressaltou que o combate à inflação deve ser prioritário, citando uma frase de Karl Marx: "A melhor maneira de destruir um país é destruir sua moeda". Bevan observou que ele é um dos poucos banqueiros a citar Marx.

CAPITALIZAÇÃO

Sobre a capitalização dos juros da dívida externa pagos pelo Brasil, Bevan observou que a medida seria coerente se fosse tomada em conjunto pelos credores do País. Lembrou que a maioria dos empréstimos concedidos ao Brasil até hoje foi empregada no desenvolvimento interno e que, por isso, os banqueiros poderiam dar esse crédito de confiança ao Brasil.

O banqueiro inglês também comentou rapidamente o discurso do presidente José Sarney, proferido ontem na Organização das Nações Unidas (ONU). Ele acha que Sarney está com a razão, quando defendeu a negociação política da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, já que o tamanho desse problema e sua complexidade "podem comportar essa abordagem". No entanto, Bevan deixou claro que essa postura só poderia ser adotada com a tomada de uma posição em bloco dos bancos credores.

Bevan acha fundamental que os Estados Unidos combatam seu déficit comercial e interno e que a desvalorização do dólar poderá ser o "início de caminho".